

ANDRÉA ALVARENGA MEDEIROS DA SILVA

SEXUALIDADE FEMININA
A EVOLUÇÃO AO LONGO DOS TEMPOS

Belo Horizonte

2010

ANDRÉA ALVARENGA MEDEIROS DA SILVA

SEXUALIDADE FEMININA
A EVOLUÇÃO AO LONGO DOS TEMPOS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Saúde da Família da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Saúde da Família.

Área de Concentração: Odontologia na Atenção Básica
Professora Orientadora: Paula Cambraia de Mendonça Viana
Aluna: Andréa Alvarenga Medeiros da Silva

Belo Horizonte

2010

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar força e coragem. A minha orientadora, professora Paula Cambraia pela paciência, dedicação e incentivo que foi fundamental para a realização desse trabalho. A minha família, que sempre esteve ao meu lado e por compreender a as minhas ausências e a minha colega Lucy pelo companheirismo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	METODOLOGIA	7
3	A SEXUALIDADE HUMANA	8
3.1	A Sexualidade Feminina	10
4	UMA BREVE HISTÓRIA	12
4.1	A Mulher na Pré-História.....	12
4.2	A Mulher na Idade Média	13
4.3	Em busca da EVA: A Diabolização da Mulher	14
4.4	De Eva a Maria	18
4.5	A Mulher e Atualidade.....	20
4.6	Compreendendo Alguns Aspectos de Ser Mulher	22
4.6.1	A Mulher Idealizada	22
4.6.2	A Mulher nos Espaços Público e Privado	24
4.6.3	Relatos de Mulheres Atendidas nas Unidades de Saúde da Família	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

1 INTRODUÇÃO

Inspirado em Prado, Reibnitz e Gelbcke (2006), o cuidar somado a gerenciar e educar são as essências do trabalho da enfermagem, fundamental para a manutenção e promoção da saúde dos seres humanos, objeto mor de todo o processo de enfermagem. Atualmente, na área de saúde tem sido amplamente discutida a importância do cuidado humanizado, que visa atender ao paciente em sua totalidade, por meio da utilização da tecnologia leve, que enfatiza o caráter relacional do cuidado em saúde. “Assim a proposta de humanização envolve um processo de construir e aperfeiçoar a natureza humana para um relacionamento mais afável com o outro, e, portanto, a comunicação e o diálogo são fundamentais” (SILVA, J. SILVA, R. CHRISTOFFEL, 2009, p. 687).

Neste cotidiano de trabalho, defronta-se com mulheres que trazem queixas de apatia, desinteresse, tristeza, associando-as aos seus relacionamentos afetivos, onde se destacam vivências relativas ao sexo e sexualidade. Geralmente, estas mulheres não conseguem expor seus sentimentos e problemas, muitas vezes por medo, vergonha, preconceito e tabu. Grande parte fala sobre suas dificuldades e angústias em relação a sua sexualidade, principalmente na questão da diminuição da libido como grande responsável por problemas nos relacionamentos. Várias destas questões não são respondidas pela equipe de saúde e percebe-se que as mulheres buscam respostas e querem compartilhar experiências.

Desse modo, cabe aos profissionais de saúde, principalmente ao enfermeiro, fazer uso de seus conhecimentos para identificar e acompanhar essas mulheres. É importante que se repense o contexto cultural da mulher, não emitindo juízo de valor, mas sim conhecendo a realidade e olhando o problema com cuidado, pois “a educação em saúde é uma forma do enfermeiro criar um espaço discursivo dos aspectos relevantes da sexualidade” (TRINDADE; FERREIRA, 2008, p. 425).

Diante do exposto, é necessário lançar mão da ferramenta educação em saúde com intuito de sensibilização dessa população, de modo que essas mulheres reflitam a respeito deste fenômeno no seu contexto de satisfação afetivo e sexual.

Entende-se que as questões sexuais que envolvem a mulher estão ligadas diretamente aos modelos culturais nos quais estão inseridas.

Este trabalho propõe realizar um estudo sobre a sexualidade feminina, por meio de uma revisão teórica sobre como a mulher vivencia sua sexualidade no mundo atual. Busca também conhecer as práticas de autocuidado relacionadas à sua sexualidade, bem como o papel do serviço de saúde frente ao cuidado desta mulher.

2 METODOLOGIA

Através deste estudo realizou-se uma revisão teórica sobre o tema sexualidade, buscando compreender como as mulheres que recebem atendimento na Equipe de Saúde da Família (ESF) vivenciam esta questão em suas vidas.

Para tanto, foi realizada uma busca de textos, artigos na internet, periódicos e livros. Foram utilizados relatos de diversas mulheres atendidas pelas ESF, os quais foram catalogados durante algum tempo. Esses relatos são de mulheres entre 18 e 62 anos, que apesar da diferença de idade, vivenciam situações de vida semelhantes no que diz respeito ao seu corpo e a sua sexualidade.

Entende-se que estes relatos, apesar de atuais, enriquecem a história das mulheres através dos tempos e possibilitarão uma compreensão de suas vidas e trajetórias no que diz respeito a sua sexualidade.

3 A SEXUALIDADE HUMANA

Sexualidade é um tema abrangente que engloba inúmeros fatores e dificilmente se encaixa em uma definição única e absoluta. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), teoricamente, a sexualidade inicia-se na puberdade ou adolescência, o que ocorre por volta dos 12 anos de idade (BRASIL, 1990).

Entretanto, em nossa prática, percebemos que a sexualidade adquire contornos diferentes, singulares, estritamente relacionados a questão social e cultural de cada mulher. O termo “sexualidade” nos remete a um universo onde tudo é relativo, pessoal e muitas vezes paradoxal. Pode-se dizer que é o traço mais íntimo do ser humano e, como tal, se manifesta diferentemente em cada indivíduo de acordo com a realidade e as experiências vivenciadas.

Segundo Chauí (1984), a sexualidade é polimorfa, polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica e tem a ver com a simbolização do desejo. Não se reduz aos órgãos genitais, ainda que esses possam ser privilegiados na sexualidade adulta. Qualquer região do corpo é susceptível de prazer sexual, desde que tenha sido investida de erotismo. A satisfação sexual pode ser alcançada sem a união genital.

A sexualidade pode ser vivenciada na descoberta das sensações proporcionadas pelo contato ou toque, atração por outras pessoas (de sexo oposto e/ou mesmo sexo) com intuito de obter prazer pela satisfação dos desejos do corpo e dependente de fatores genéticos e principalmente culturais.

O conceito de sexualidade frequentemente é confundido com o do sexo propriamente dito. É importante salientar que um não necessariamente precisa vir acompanhado do outro. Cabe a cada um decidir qual o momento propício para que esta sexualidade se manifeste de forma física e seja compartilhada com outro indivíduo por meio do sexo, que é apenas uma das suas formas de se chegar à satisfação desejada.

As abordagens sobre o tema variam conforme as concepções e crenças de cada pessoa e de cada cultura. Em alguns lugares podem-se encontrar visões preconceituosas sobre o assunto. Em outros, é discutido de forma livre e com grande aceitação por diferentes olhares ao redor do tema.

Para Freud (1905) há certo conflito entre os impulsos humanos e as regras que regem a sociedade. Muitas vezes, impulsos irracionais determinam nossos pensamentos, ações e até mesmo os sonhos. Estes impulsos são capazes de trazer à tona necessidades básicas do ser humano que foram reprimidas como, por exemplo, o instinto sexual. Freud mostra que estas necessidades surgem disfarçadas de várias maneiras e nós, muitas vezes, não vamos ter consciência desses desejos, de tão reprimidos que estão.

Segundo Freud (1923), o prazer se desenvolve desde o nascimento, com períodos de gradativa diferenciação sexual. A primeira fase chama-se pré-genital onde o prazer da criança está concentrado em regiões distintas do corpo. No primeiro momento, que ocorre do nascimento até cerca de dois anos de idade, o prazer concentra-se na boca. No segundo momento, que ocorre entre o segundo e o terceiro ano de vida, o prazer se concentra na região anal, ou seja, na contenção e na expulsão das fezes.

A segunda fase, chamada período edipiano, caracteriza-se por uma fixação libidinal passageira também conhecida como “complexo de Édipo”, no qual a libido é dirigida aos objetos do mundo exterior, fixando sua atenção no genitor do sexo oposto. Ocorre entre os quatro e cinco anos de idade.

A terceira fase é denominada “fase fálica” e ocorre dos três aos cinco anos de idade. Nesta fase é comum a criança manipular os próprios genitais, pois já conhece essa região como uma área geradora de prazer.

Dos seis aos dez anos de idade, a criança encontra-se no chamado “período de latência”. Nesta fase, ela está muito interessada em aprender coisas novas, fazer amigos, ir à escola. Sua sexualidade não está ausente, mas sofre poucas modificações neste período.

Com as modificações hormonais que ocorrem no início da puberdade e os caracteres sexuais secundários (seios, formas arredondadas e menstruação nas meninas; pêlos, polução noturna e voz mais grave nos meninos), a sexualidade volta a se concentrar na região genital propriamente dita.

Nesta fase, o adolescente passa a eleger seu “objeto sexual” (um menino, uma menina ou ambos) e começa a estabelecer vínculo com esse objeto. Tal vínculo sofre influência de características da sua própria personalidade e das relações que este adolescente estabeleceu ao longo de sua vida com seus pais, seus irmãos e pessoas próximas.

É na adolescência que começam as definições e as dificuldades sexuais até a estruturação do seu papel sexual.

3.1 A Sexualidade Feminina

Desde os primeiros trabalhos sobre o complexo de Édipo, Freud (1923) encontrou dificuldades para entender o percurso da menina na construção da feminilidade.

Como entender a presença do pai no Édipo feminino se é a mãe o primeiro objeto de amor também para a menina? O Édipo feminino apresenta, portanto, distinções acentuadas daquelas que Freud encontrou no Édipo masculino. A menina tem de passar por uma mudança de objeto de amor, enquanto para o menino ele se mantém.

Freud (1923) propõe a divisão do Édipo feminino em duas etapas. A primeira consiste em uma etapa pré-ediapiana, comparável ao Édipo masculino, na qual a mãe é o objeto de amor.

Na segunda etapa do Édipo, o pai passa a ser o objeto de amor. Mas, mesmo essa divisão não permite estabelecer um paralelismo entre o Édipo da menina e do menino. Por uma questão anatômica o medo da castração no menino leva-o à saída do Édipo, uma vez que a possibilidade da perda do pênis (imaginariamente situado como o órgão sobre o qual incide a castração) faz com que ele abandone o seu objeto de amor, a mãe.

No caso da menina que já não tem o pênis, o temor é substituído por uma constatação, a de ter sido feita sem o objeto que tanto valoriza. Essa decepção leva-a ao abandono da mãe como objeto de amor e o direcionamento do seu amor ao pai. Freud (1923) refere-se a essa passagem como sendo originalmente, o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai.

Se a castração é responsável pela entrada da menina no complexo de Édipo, sua saída e resolução permanecem enigmáticas para Freud (1924). De fato, se o temor da castração é o temor da perda do pênis e se esse temor é o que leva à saída do Édipo, como definir a saída feminina? Nesse mesmo texto de 1924, Freud descreve a dissolução do Édipo feminino como um abandono gradativo devido à impossibilidade de realização do desejo edipiano: “em minha experiência raramente ele vai além de assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina para com o pai”.

Ainda para Freud (1924) é na maternidade que está a possibilidade do Édipo feminino. Na saída normal do Édipo feminino o que Freud enfatiza é a equivalência entre maternidade e feminilidade.

Lacan (1985) coloca que, nessa sociedade em que o falo representa o poder, a mulher sente-se destituída. Busca, então, ocultar o vazio, vestindo-se da máscara, tentando ser a mulher de alguém, alienando-se do próprio desejo, sufocando o próprio prazer e prestando-se ao prazer do homem.

É por isso que a sexualidade feminina possui características próprias, que a diferencia em vários aspectos da sexualidade masculina.

A sexualidade, a feminina em especial, foi, e ainda o é, apesar de atualmente vivermos sob outros padrões de moral, ética e comportamento, objeto de interdição em vários campos. Isto porque o processo de formação da nossa sociedade recebeu forte influência da sociedade ocidental européia que, pautada na ética e na moral do cristianismo, concebeu o corpo e o sexo como lugar de interditos. A mulher, pela sua condição desigual em relação ao homem por muitos anos viveu sob a sua tutela, em primeira instância do pai e em segunda do marido, com sua sexualidade normatizada pelos padrões cristãos, legitimada pela instituição do casamento e pelo cumprimento da função reprodutora.

4 UMA BREVE HISTÓRIA

Antigamente, o papel da mulher era bem definido – cuidar da casa e da família. Não havia necessidade de conciliar outras funções. Com o passar dos tempos, a mulher sentiu necessidade de conquistar novos espaços.

Hoje, a nova mulher assume diversas funções, o que é um avanço, uma vez que tem muito mais autonomia. Em contrapartida este acúmulo de funções tem como consequência o surgimento de diversos conflitos.

4.1 A Mulher na Pré-História

A figura feminina na Pré-História tinha um papel importante na sociedade. Como eram sociedades matriarcais, a mulher não dominava, mas as sociedades eram centradas nela por causa da fertilidade e pela possibilidade de procriar. A figura feminina era elevada à categoria de divindade e há vestígios paleolíticos que revelam o feminino ocupando um lugar especial, pois neste período foram encontradas estatuetas femininas, pinturas e objetos, que cultuavam a mulher como um ser sagrado.

A divisão do trabalho nas sociedades primitivas ocorreu entre os dois sexos, cabendo ao homem a caça e a pesca, e à mulher a coleta de frutos e posteriormente a cultura da terra (GALIZA, 2008).

4.2 A Mulher na Idade Média

A Igreja Católica Medieval considerava a mulher como causa e objeto do pecado, pois tinha como referência a idéia do pecado original, cometido por Eva. Desse modo, a mulher era considerada a porta de entrada para o demônio. Só não eram consideradas assim quando eram virgens, mães, esposas, ou quando viviam no convento.

Estes conceitos estão presentes no Cristianismo desde os seus primórdios, ou seja, no século III quando é reconhecido como religião. A fraqueza associada à carne estava ligada a figura feminina. As mulheres eram vistas como criaturas débeis e suscetíveis às tentações do diabo, portanto deveriam estar sempre sujeitas à tutela masculina.

A Idade Média, também, foi palco de uma das maiores perseguições contra a mulher. A "Caça as Bruxas" foi um movimento pelo qual a Igreja, por meio do Santo Ofício (Inquisição), caçou os rituais pagãos que tinham a mulher como base da fertilidade e o corpo feminino como centro da vida. (DELUMEAU, 1990)

4.3 Em busca da EVA: A Diabolização da Mulher

Durante a Idade Média, a mulher foi associada à imagem do demônio. Com a reforma gregoriana, foi instituído o celibato dos padres, tendo início, na Igreja, uma literatura misógina (ódio ou aversão às mulheres) que criou a dicotomia Eva / Maria. Ocorre, neste momento, a diabolização da mulher, que passa a ser representada centralmente como a descendente de Eva, símbolo do pecado e da tentação (DELUMEAU, 1990). Ao mesmo tempo em que tem lugar esse processo, emerge uma tendência em sentido oposto, com o fortalecimento do culto à Virgem Maria. Como as mulheres de baixa renda estavam muito distantes do ideal da Virgem, criado pela Igreja, foram consideradas as agentes de Satã, responsáveis pela desgraça do homem, e por desviá-lo do caminho da salvação (MURARO, 1993).

[...] Tu deverias usar sempre o luto, estar coberta de andrajos e mergulhada na penitência, a fim de compensar a culpa de ter trazido a perdição ao gênero humano [...] Mulher, tu és a porta do diabo. Foste tu que tocaste a árvore de Satã e que, em primeiro lugar, violaste a lei divina” (DELUMEAU, 1990, p. 316

Segundo Santo Agostinho, o ser humano possui uma alma espiritual assexuada e um corpo assexuado. O homem seria a imagem de Deus, a mulher seria inferior ao homem, devendo ser a ele submissa. Tomás de Aquino, também dizia que a mulher era mais imperfeita do que o homem, inclusive sua alma, pois para ele o homem possuía mais discernimento e razão. Esta questão de gênero também estaria relacionada ao fato de no homem prevalecer a razão e o espiritual, enquanto na mulher prevalece o desejo. O homem deve dominar a mulher, pois esta é oriunda dele e não o contrário.

Para Agostinho, a mulher foi criada apenas para procriar e ocuparia o lugar de adjutorium (a ajuda) para o homem. Para ele, não se justifica a criação da mulher para ser companheira do homem, pois a criação de um segundo homem seria mais interessante para fazer companhia a Adão. Para Duby (2001), essa idéia está de acordo com o que pensavam os padres do século XII a respeito das mulheres: conversadeiras, desobedientes e sedutoras e, portanto, seria melhor um casal de amigos que um casal formado por marido e mulher. Assim, esta criação estaria relacionada à vontade de Deus de crescer e multiplicar a humanidade (DUBY, 2001, p. 64).

“Se o homem separa-se de sua mulher por causa qualquer que não seja ornicação, mutilado de uma costela, já não é completo. Para a mulher é pior: se abandona seu homem, ela não existirá mais para Deus, pois não é, de início, um corpo completo nem uma carne completa, mas apenas uma parte oriunda do homem” (DUBY, 2001, p. 51)

Fica a questão. Porque Deus criou a mulher? De acordo com Leal (1995), no livro do Gênesis a mulher não estava nos planos de Deus, e foi criada apenas como decorrência das necessidades do homem. Afinal, diz o texto: não é bom que o homem esteja só, façamos-lhe um adjutório semelhante a ele.

Em seguida à criação da mulher, o Gênesis cita a passagem em que Eva é tentada pela serpente e ocorre a Queda, em que a mulher comete o pecado original e será culpada por todos os males da humanidade. Por que a serpente tenta Eva e não Adão? Por que Adão representa o espaço do divino, da ordem, diferente da serpente que representa a desordem e a contradição? Neste sentido, há uma associação da mulher com a serpente e uma dicotomia entre o homem e a mulher, representando perspectivas diferentes na relação com o mundo. Adão também desobedece a Deus, mas o faz por ser tentado pela mulher, sedutora e poderosa, pois foi capaz de convencer seu companheiro a obedecê-la, mesmo indo contra a vontade de Deus. É interessante que este é o argumento que Adão utiliza para se justificar com Deus: a mulher que me destes por companheira deu-me do fruto da árvore e comi. Eva desobedeceu a ordem criada por Deus, criando uma nova ordem. Ela foi criada para ser passiva, no entanto, ela subverte essa ordem ao fazer

o homem pecar e, então, Deus a recoloca no seu lugar, punindo-a com a submissão ao homem

As conseqüências da expulsão de Adão e Eva do paraíso não atingiram apenas eles, pois a punição do Senhor foi para toda a humanidade. No castigo divino, o homem é condenado ao trabalho pesado, enquanto a mulher dará à luz a seus filhos com dor e estará sob o poder do seu marido e ele a dominará. A Bíblia torna sagrada a dominação do homem sobre a mulher, e afirma que este é um direito divino e inquestionável já que é conseqüência do pecado da mulher. Mas temos ainda uma questão importante. O castigo da mulher está relacionado à sua sexualidade, lembremos que o casal não percebia estar nu, antes que o pecado fosse cometido, ou seja, no Paraíso não havia desejo carnal, ele passa a existir com a transgressão feminina.

Esta relação mulher, corpo, sexualidade está muito presente nas representações fundamentadas pelos textos escritos pelos padres, principalmente no período medieval.

Buscando nas leituras e interpretações do Gênesis, os padres medievais não estavam preocupados apenas com os seus fiéis, eles também precisavam cuidar de si mesmos. Estando na categoria dos homens não sexuados precisavam convencer-se de que a mulher é um agente de Satã na terra, nela só existiria tentação e sedução, portanto era preciso afastar-se para obter a salvação. Para eles na origem de toda transgressão da lei divina encontra-se o sexo (...) sabem o que é ser tentado estão cheios de indulgência para com Adão (DUBY, 2001). Segundo os eruditos estudados por Duby os celibatários são os que mais correm perigo, dentre estes os clérigos ou os cavaleiros sem mulher. O perigo está em toda parte, nas cidades, nos campos, e também no interior da casa, onde a tentação é constante. Apropriar-se das mulheres da casa não é considerado adultério, já que elas estão disponíveis, tomá-las ou masturbar-se, ambos os atos tem o mesmo peso nos atos penitenciais (DUBY, 2001).

Diante desse quadro, alguns padres aconselham o casamento como uma forma de defesa para os homens. São Paulo inclusive recomenda: “O melhor é o homem não tocar a mulher. Todavia, para evitar a fornicção, tenha cada homem a sua mulher e cada mulher o seu marido” (Cor. 7:1-3)

No século XII, as autoridades da Igreja instituem o sacramento do matrimônio (DUBY, 2001). No entanto, há uma questão a ser resolvida: como considerar o casamento um sacramento se nele ocorre a união carnal? A resposta é mais uma vez buscada no Gênesis: o casamento foi instituído por Deus no Paraíso, e só a procriação justifica os prazeres carnis. Ainda de acordo com o Gênesis, está claro o papel da mulher nessa instituição. Ela deve servir o homem, ser sujeita a ele, podendo sofrer as humilhações necessárias, pois senão trará discórdia ao leito matrimonial. Os padres buscam os defeitos das mulheres, as vêem como eternas Evas, na busca pelo prazer sexual.

Há uma série de textos que se opõem completamente ao casamento, considerando que o melhor caminho para o homem é afastar-se das mulheres, estes seres traiçoeiros. Petrarca, segundo Delumeau (1990), poeta italiano, em um texto escrito no século XIV, afirma que:

a mulher [...] é um verdadeiro diabo, uma inimiga da paz, uma fonte de impaciência, uma ocasião de disputas das quais o homem deve manter-se afastado se quer gozar a tranqüilidade [...] Que se casem aqueles que encontram atrativo na companhia de uma esposa, nos abraços noturnos, nos ganidos das crianças e nos tormentos da insônia [...]. Por nós, se está em nosso poder, perpetuamos nosso nome pelo talento e não pelo casamento, por livros e não por filhos, com o concurso da virtude e não com o de uma mulher (PETRARCA *apud* DELUMEAU, 1990, p. 319).

Vimos que a imagem da mulher tagarela não desapareceu, estando presente na visão de homens do século XIX, a exemplo de Proudhon (filósofo francês), que elabora justificativa pseudo-científica e legal para a privação dos direitos políticos das mulheres, baseando-se numa decadência feminina na fala, que ele chama de ninfomania literária ou ainda em Lombroso (cientista italiano) que, com suas teses biologizantes, afirma que naturalmente as mulheres (ou as fêmeas) falam mais que os homens (ou os machos), usando exemplos entre os animais, mostrando

que as cadelas latem mais que os cães (BLOCH, 1995). É provável que todas essas imagens tenham sido construídas numa tentativa de silenciá-las.

A mulher abordada como um problema para o homem, pelos inimigos do casamento, é vista como aquela que provoca confusão. A frase de Jerônimo (padre, filósofo e tradutor da Bíblia) ilustra bem essa visão: “se uma mulher for bela, logo achará amantes; se for feia, é fácil ser licenciosa. É difícil guardar o que muitos desejam; é maçante ter o que ninguém acha valer a pena possuir ou ainda, se for rica é arrogante, se for pobre o marido terá que sustentá-la”. Além disso, a literatura medieval mostra a mulher como ardilosa, impossível de ser vigiada. João de Salisbury (escritor e bispo), no século XII, pergunta: “de que vale uma guarda rigorosa, se uma esposa lasciva não pode ser vigiada e a casta não precisa sê-lo”? (BLOCH, 1995, p. 27).

Muitos atribuíam um poder às esposas, colocando o homem apenas como vítima da astúcia e da dominação feminina. Este poder estaria relacionado ao fato destas se utilizarem de todos os tipos de práticas para enganá-lo. Mais uma vez estas imagens permanecem desde o medievo até o século XIX, quando encontramos em Nietzsche (filósofo alemão) e Lombroso a mentira feminina como algo instintivo (BLOCH, 1995).

4.4 De Eva a Maria

A associação da mulher com o demônio, o mal, a perdição da humanidade foi fundamentada numa época - a Baixa Idade Média, de intenso fervor religioso, em que a ameaça do demônio era vista e sentida por toda parte. Entretanto, desde o final do século XI, um número cada vez maior de padres esforçava-se para transformar este ser diabólico numa fonte do bem.

Baseados nas histórias de Maria Madalena, a pecadora arrependida, homens da Igreja esforçavam-se em ajudar as virgens a permanecerem puras, as viúvas a permanecerem castas e as damas a cumprirem sua função de esposa (DUBY, 2001).

Mas a imagem da mulher que predomina nesse período ainda é a da descendente de Eva, pecadora e sedutora, e não esqueçamos, portão do Diabo. A partir do século XII, o culto a Virgem Maria vai ganhar força. Maria representa a mulher pura, assexuada, aquela que foi capaz de conceber sem pecar. Enquanto Eva carrega o castigo na sua sexualidade, Maria a redime, mostrando que é possível à mulher cumprir o seu papel de procriadora, sem exercer o desejo carnal. Mas Maria é apenas um ideal, que as mulheres comuns nunca alcançaram. Para os padres da Igreja, é preciso perseguir este modelo, ainda que não seja possível conceber virgem é necessário conceber sem prazer sexual.

O culto a Virgem Maria está associado à defesa da virgindade. Tendo a virgindade como medidor da pureza feminina, DUBY (2001) considera que nesta hierarquia as casadas estão em primeiro lugar, ainda que estas copulem apenas por obrigação, já perderam o seu bem mais precioso, em segundo estão as viúvas, que embora não mais copulem, já não possuem sua virgindade e finalmente, consideradas pecadoras apenas pela sua origem, estão as virgens.

Estas são aconselhadas a assim permanecerem, pois são as preferidas de Jesus. Apenas às virgens as bodas são prometidas. As esposas permanecem no pecado. Jesus as mantém a distância. Mostra-lhes como se conduzirem. Misericordioso, alimenta sua esperança. Mas não as acolhe imediatamente em seu leito (DUBY, 2001, p.94)

O culto mariano não ficou restrito apenas à Europa, ele foi trazido para o Brasil e para outras regiões colonizadas e ocupadas por portugueses e espanhóis. Segundo Boxer (1997, p. 130), “a popularidade e fervor ao culto da Virgem não perdeu em nada com a emigração através dos Sete Mares e, se possível, teve tendência a aumentar”.

4.5 A Mulher e Atualidade

No contexto da pós-modernidade podemos observar que a mulher descobriu novos caminhos para a sua vida que influenciaram o seu processo de estar no mundo. O seu espaço interior torna-se um lugar novo, de experiências novas e de redimensionamento das antigas.

Para Bolen (1990), a mulher tem grandes desafios a transpor: vencer a rotina cheia de obstáculos sociais; experimentar a assimilação da cultura e do conhecimento; cumprir o papel de ser mãe que muitas vezes entra em choque com outras possibilidades. Tudo isso a faz repensar o seu papel social e se posicionar perante a vida.

O modo como sente, prioriza e busca atender às suas necessidades espirituais, emocionais, afetivas, biológicas, intelectuais e econômicas determina se tem ou não o senso do seu próprio poder político, psíquico e/ou pessoal e isso é determinante para gerar mudanças ou manter os mecanismos de repressão e submissão ao homem e à sociedade.

As mulheres conquistaram o direito de terem a sua história escrita no século XX. Na “história das mulheres” percebe-se, cada vez mais, que a mulher não apenas tem história, mas também fez e faz a sua trajetória através dela: a conquista do direito ao voto, ao trabalho, a carreira profissional, a igualdade de direitos entre os sexos, buscados com afinco pelos movimentos feministas, a partir do início do século XX.

O século XX foi marcado pelo reconhecimento dos direitos de grupos antes estigmatizados (crianças, idosos, negros, mulheres, deficientes, homossexuais) e por descobertas que modificaram substancialmente a vida em sociedade.

Uma das descobertas dos anos 60 que talvez tenha sido a principal responsável pela mudança na vida e no papel social da mulher foi a pílula anticoncepcional que propiciou uma maior inserção da mulher no mercado de trabalho e uma liberdade sexual que ela ainda não conhecia como, também, o direito de decidir pela maternidade. O sexo deixava de ser associado à função de gerar filhos e podia ser feito livremente por prazer.

As transformações sociais e o surgimento de movimentos de defesa das minorias fizeram crescer a consciência das desigualdades e discriminações.

Coube aos movimentos feministas trazer para o espaço público a discussão das diferenças de poder entre os gêneros, questionar os seculares privilégios masculinos e reivindicar para as mulheres o direito de serem donas de si mesmas.

A rebelião contra o papel de objeto sexual dos homens, o direito de decidir sobre a própria fertilidade e ter acesso ao prazer sexual fazem parte da agenda desses movimentos. A partir deles, cresce a consciência de que a falta de equidade entre os gêneros, profundamente arraigada na sociedade, gera comportamentos considerados “naturais”, que são obstáculos à concretização dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher.

Na realidade, a luta das mulheres para alcançar autonomia está apenas começando. Na prática, a maioria das mulheres não consegue resistir às pressões dos seus parceiros: muitas mantêm relações sexuais desprotegidas por não conseguirem negociar com os homens o uso da camisinha; aceitam engravidar para satisfazer seus companheiros, são pressionadas a evitar a gravidez, a interrompê-la e até mesmo a submeter-se à ligadura de trompas por imposição do homem ou por sua absoluta alienação/desconhecimento frente às questões da anticoncepção.

Quanto ao prazer, sabemos que não raro as mulheres são obrigadas a manter relações sexuais que não desejam e que muitas têm dificuldade de experimentar o orgasmo. Os problemas relacionados ao prazer e ao desejo costumam estar relacionados à repressão, a sentimentos de culpa ou a baixa auto-estima.

Muitas vezes, esses problemas são agravados pelas dificuldades de comunicação do casal e pela indiferença do homem ao que a mulher sente durante o ato sexual.

O modelo cultural de imposição do poder masculino não favorece a autonomia e o respeito das mulheres por si mesmas. Entretanto, não podemos conceber o homem como vilão da história. Trata-se de uma realidade cultural que atinge a homens e mulheres e que as próprias mulheres contribuem para mantê-la, pois não se dão conta do seu empoderamento.

4.6 Compreendendo Alguns Aspectos de Ser Mulher

4.6.1 A Mulher Idealizada

No final do século XX, as atividades da mulher pós-moderna oscilam entre o lar e a profissão. Historicamente, foi idealizada como bruxa, feiticeira, submissa, pura, santa, reprodutora, cuidadora do marido e dos filhos, restrita ao espaço do lar, pronta para servir o marido, auxiliar e companheira, responsável pela preservação do casamento e pela felicidade da família.

A imagem dessa mulher, no entanto, foi se transformando por meio de uma nova estrutura de socialização tecnocrática que a faz assumir o papel de trabalhadora remunerada sem que necessariamente tenha abandonado as funções anteriores.

Neste sentido, Shaevitz (1967, p. 220) afirma que "as forças modernas obrigam as mulheres a serem todas as coisas para todas as pessoas".

O ideal de mulher atualmente se caracteriza por uma mulher bem vestida, dinâmica, empreendedora, multitalentosa, profissional competente, ao mesmo tempo em que é mãe, esposa carinhosa, sedutora e dona de casa eficiente. Essa mulher que poderia ser identificada como supermulher é levada a sentir-se arrasada, superestimada, supersolicitada, superesgotada e subapreciada. As inseguranças, medos e fragilidades desta mulher, muitas vezes, não são vistas pelas pessoas que dela necessitam.

Shaevitz (1967) aponta a síndrome de supermulher como caracterizada por uma série de sintomas estressantes de natureza física, psicológica e interpessoal. Dentre esses, podem ser citados: a perda de interesse pelo sexo, a falta de investimento na sua sexualidade e no seu prazer.

As mulheres que emergem, neste final de século, não são mais criadas para o lar, mas o lar continua dentro delas. São educadas para construir uma profissão, ter um emprego, seguir uma carreira. A sociedade diz que tem direito a tudo: ser mãe, esposa, profissional, feminina; ter tempo para cuidar de seu corpo. Entretanto, entre o conto de fadas e a rotina diária existe um abismo, pois a questão cultural é determinante. A mulher quer ter o que lhe dizem ter direito, mas o cotidiano é diverso e as vezes impossibilitante.

Felizmente, na sociedade pós-moderna, começa a emergir um novo homem. Para Pereira *et al.* (1994), esse homem encontra-se em transição, já admitindo um certo grau de sensibilidade e permeabilidade às questões de gênero.

Decorrentes de mudanças experimentadas pelas mulheres e fruto de suas exigências, a figura do pai já começa a se fazer presente na vida dos filhos e na partilha das atividades domésticas. No entanto, ainda não se deu uma mudança coletiva, mas já se observa um estágio embrionário desse novo processo. Oliveira (1993) acredita que isso será possível por meio da aproximação da experiência entre homens e mulheres.

O século XXI se abre para uma nova perspectiva entre o feminino e o masculino que exige um trabalho de intervenção, ousadia para propor, criar o equilíbrio entre os sexos. Segundo Whitaker (1988), tanto o homem quanto a mulher saem ganhando quando dividem as responsabilidades e, neste contexto, salienta que a mulher não perde suas chances profissionais e o homem se aproxima da família.

4.6.2 A Mulher nos Espaços Público e Privado

Na realidade, o acesso da mulher ao mercado de trabalho não se deu por livre escolha, nem para o seu bem-estar e independência. Segundo Oliveira (1993, p. 152), isso se deu “em decorrência da miséria que as empurravam para as fábricas a desempenhar os trabalhos mais penosos e pior remunerados”, enquanto que as mulheres da classe social elevada eram mantidas numa situação de submissão e dependência do pai ou do marido.

Em decorrência da exploração da mão-de-obra feminina, as mulheres trabalhadoras iniciaram suas lutas por melhores condições de trabalho. Aplicando uma leitura ao contexto atual, ainda é evidente a necessidade de uma infra-estrutura que considere as características femininas e que dê suporte à sua estrutura familiar.

Para Oliveira (1993), ao investir na sua realização profissional, a mulher de hoje esbarra no paradoxo do universal e do particular, na medida em que a sociedade a universaliza como produtora e a particulariza como mulher. Ela pertence, simultaneamente e, em algumas situações, conflituosamente, ao espaço privado, “mundo do lar e da família, regido pelas emoções, pelos sentimentos e pela afetividade, e ao espaço público, ao mundo do trabalho, regido pela agressividade, pela competitividade e pelo princípio do rendimento” (OLIVEIRA, 1993, p.152).

A mulher compartilha as funções masculinas, integrando-se, mesmo que unilateralmente, ao mundo dos homens. Cabe agora aos homens ter acesso ao mundo feminino.

As mulheres sempre foram consideradas como o elemento estável, seguro, conciliador e agora se vêem como encorajadoras da desordem. Desorganizaram toda a estrutura de valor conceitual, de ordem familiar, para ocupar o espaço público. Ao questionarem as normas e papéis preestabelecidos, o movimento das mulheres introduziu a incerteza, a pluralidade e a escolha onde anteriormente só havia certeza, unanimidade e conformidade.

Na concepção de Paiva (1993), o grande desafio que surge para essa nova mulher é saber conciliar filho, trabalho, excitação e vida doméstica. É importante salientar que conflitos emergem decorrentes deste novo lugar: como conciliar em uma mesma pessoa a necessidade de amor, afeto, proteção e a necessidade de autonomia e independência? Como conciliar a exigência dos filhos, que dependem da mãe, com as próprias necessidades da mulher? Como encontrar tempo pra si mesma, educar-se e profissionalizar-se?

A partir dessas questões, vale ressaltar que o feminismo dos anos 60 e 70 que esteve centrado na diferença desdobrou-se em feminismo da igualdade, já no fim da década de 80. A partir de sérias reflexões, as mulheres perceberam os seus equívocos, começaram a defender a igualdade, não mais na capacidade de se assemelharem aos homens, mas em nome do direito à diferença.

4.6.3 Relatos de Mulheres Atendidas nas Unidades de Saúde da Família

A seguir, relatos de mulheres atendidas em uma Equipe de Saúde da Família e que vêm ilustrar as questões acima levantadas, sobretudo as de cunho afetivo e sexual.

Esses relatos foram catalogados e extraídos dos prontuários, com mulheres na faixa etária entre 18 e 65 anos, durante as consultas de Enfermagem para coleta do exame preventivo do câncer do colo uterino, onde elas exteriorizaram suas dúvidas, medos e inseguranças no que diz respeito a sua sexualidade.

Em alguns relatos, fica a evidência que, apesar da mudança do papel da mulher nos novos tempos, ainda permanece a submissão e a necessidade de ser ouvida.

“Eu não falo mais nada para ele, vou empurrando com a barriga e isso já faz quinze anos, ele é muito machão, ignorante e bebe muito. No início tentei conversar dizendo o que eu gostava que ele estava rápido e tinha que ser mais carinhoso, e ele sempre me respondia que tinha que pensar era nele e com quem eu estava conversando para ter essas idéias. Acho que acabei me acostumando com a situação. No início, chorava muito e agora simplesmente abro as pernas”. (32 anos)

“Sou boa dona de casa, boa mãe e sempre acreditei que primeiro vinha a obrigação e depois a diversão. Cerca de duas vezes ao mês tenho relação com meu marido, mais sempre ele é quem me procura”. (56 anos)

“Toda vez que tenho relação sexual tenho sangramento... Meu marido toda vez que tem relação sexual, gosta de colocar objetos na minha vagina como: cenoura, batata, ou qualquer outro objeto. Eu não gosto, no início até falei para ele, mas ele ficou muito bravo e brigou comigo. Eu acabo aceitando, porque gosto dele, mesmo que isso me machuque profundamente. Acontece que não tenho mais prazer porque acabo me travando e finjo sempre que gozei” (32 anos).

“Eu sou diferente, acho que o problema é meu mesmo, sou mais calma. Não ligo quase pra nada. Às vezes, ficava estressada na hora e pedia para ele parar porque eu não queria mais: ficamos só um ano juntos. Não acabou por causa disso. É o meu jeito mesmo, deve ser de família. Quando eu era mais nova tinha muito pesadelo em que eu estava sendo estuprada” (40 anos).

“Eu fico até preocupada porque não sou normal. Nunca gostei de fazer sexo. Só faço porque meu marido é um homem muito bom, põe as coisas em casa e eu fico com pena dele” (44 anos)

“Tenho uma libido excelente ao pensar em sexo, lendo matérias sobre o assunto ou até planejando um encontro, mas quando chega a hora de ir para a cama some tudo e a única sensação é de ansiedade para que comece e acabe logo. Não consigo me entregar ao momento e quando consigo chegar lá, é por meio de fantasias imaginárias totalmente fora do que está acontecendo de verdade, e eu me sinto mal com isso” (41 anos).

“Eu sempre gostei de sexo, até descobrir que meu marido me traia; não tive coragem de me separar, só que também não acho mais a menor graça. Posso ficar meses sem fazer que não sinto a menor diferença.” (34 anos)

“Fingi ter orgasmos por 30 anos porque precisava de aprovação. Tenho vergonha, é como se tivesse um pé torto ou um olho só. Também não queria ferir meu marido, achava que a culpa era minha de não conseguir ter orgasmo.” (62 anos).

“Eu não tenho nenhuma vontade de transar, faço por causa dele, mais para agradá-lo e para que ele não vá procurar outra mulher na rua”. (30 anos)

“Quantas vezes já fingi que estou dormindo ou até reclamo de dor de cabeça antes de ir para a cama, muitas vezes já fingi ter orgasmo e assim vou empurrando com a barriga”. (33 anos)

“Eu não sinto vontade de fazer sexo, acho que é porque estou entrando na menopausa, fico seca e quando ele penetra dói muito. Por isso, acabo fugindo dele na maioria das vezes. Ele já me disse que vai procurar outra na rua, pois não tá tendo mulher em casa” (50 anos).

“Ele chega tonto quase toda noite, briga comigo, com as crianças e depois vem querendo fazer sexo, eu não aceito mesmo, outro dia ele ameaçou me bater e eu até chamei a policia”. (31 anos)

“Eu até gostava de sexo, só que hoje em dia eu tenho tanto trabalho, quando chego em casa ainda tenho que cuidar da casa, das crianças e quando chega a noite eu só quero saber de dormir”. (36 anos)

“Durante a relação sexual às vezes eu finjo ter orgasmo, para que acabe rápido e eu possa dormir, porque vivo cansada”. (42 anos)

“Às vezes não sinto vontade de fazer sexo porque estou cansada, estressada com o trabalho, então, pra sexo eu tô meio parada”. (32 anos)

“Eu sou assim, troco muito o sexo pelo sono. Eu preciso dormir. Então quando ele me acorda de madrugada para fazer sexo, eu não gosto, todo dia meu marido quer, todo dia!”. (28 anos)

“Perdi toda a libido e para mim isso é ótimo! Não irei jamais procurar tratamento neste sentido. Estou gostando de viver assim, sem me preocupar com homens ou sair correndo atrás deles. Espero que nunca mais volte a ter desejo por eles. Para mim basta me divertir e levar uma vida tranqüila, como a que estou levando”
(40 anos)

“Depois que meu filho nasceu, minha libido diminuiu e não voltou ao normal. Meu marido se queixa que eu nunca estou disposta. Ele tem que insistir e reclamar que está carente para me convencer a ter relação. Ele faz até uma estatística de quantas vezes transamos no mês. Acho que meu problema é stress porque até alergia cutânea eu desenvolvi depois que casei e fui mãe”. (46 anos)

“Não sei o que é sexualidade, no meu casamento, não fiz nada que tinha vontade, meu primeiro beijo com o meu marido foi no dia do meu casamento, me casei sem qualquer informação sobre sexo, já faz 4 anos que não tenho relação com o meu marido”. (65 anos)

“Quando casei, não fui preparada para o sexo e sim pra ser dona de casa, sofri muito, pois achava que sexo é pecado, depois que entrei na Igreja descobri que sexo deve ser feito com amor e com o marido, dessa forma ele não é pecado”.
(56 anos)

“Pra mim sexo é indispensável em qualquer relacionamento, curto o sexo, a minha sexualidade e toda a minha sensualidade de forma prazerosa, juntamente com os símbolos do desejo e da fantasia, não simplesmente reduzindo aos órgãos genitais, pois o meu corpo desde que investido é dotado de prazer sexual, pois tem muito a ver com cheiro, tato, sensibilidade, sons ou algo que me estimule, enfim tem que haver química. Sou franca e aberta se não gosto do que está rolando” (51 anos)

“Depois que fiz 2 abortos, não sinto vontade de ter relação sexual, não sei se tenho medo de engravidar novamente ou se fiquei com algum problema” (18 anos)

“Tinha uma vida sexual normal com meu marido, temos 2 filhos, porém há 2 anos ele me revelou ter uma relação fora do casamento com um homem, desde então não tivemos mais nada e só estamos juntos por aparência e pela situação financeira (25 anos).

Percebe-se através destes relatos que as mulheres, independente das diferenças de idade, apresentam enraizadas questões culturais que dificultam a vivência de sua sexualidade.

Nos diversos discursos das mulheres acolhidas na Equipe de Saúde da Família, fica evidente a dificuldade delas em lidar com a sua sexualidade, seja por submissão ao homem, por questões religiosas e culturais ou pelo excesso de atividades que as impedem de perceber as necessidades do seu próprio corpo, seus desejos e seus anseios.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo possibilitou a identificação dos sentimentos experimentados pelas mulheres, vivenciando suas angústias, ao mesmo tempo em que buscam uma inclusão social, sexual e psicológica.

Outro aspecto presente é o da dominação do homem sobre a mulher na antiguidade e até nos dias atuais. Em diversas situações, a violência masculina na sexualidade é considerada por algumas culturas como natural.

A mulher atual acumula vários papéis na sociedade, seja como amante, mãe, profissional e rainha do lar. Dessa forma, desconhece o seu corpo, sendo direcionada para dispor dele para o homem no aspecto sexual, para os filhos através da maternidade e no espaço privado com o seu trabalho.

Impossibilitada de desempenhar plenamente todos esses papéis a mulher sente-se frustrada, pois percebe a sobrecarga neste cotidiano repleto de demandas, entregas e culpas, que interferem na vivência de sua sexualidade.

Apesar dos avanços conquistados pela mulher em relação a viver melhor e expressar sua sexualidade, ainda prevalece certo temor e passividade em discutir algumas questões sobre sua sexualidade, até porque, de acordo com o padrão cultural brasileiro, quando um homem faz abordagens sexuais e uma mulher não mostra resistência forte e consistente, pensa-se que ela está concordando com a relação sexual.

Neste novo milênio com tantas conquistas em sua trajetória, ainda se observa a existência dos tradicionais padrões de subserviência e condescendência feminina no ambiente domiciliar e social.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, R. Howard. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 277p.

BOLEN, Jean Shinoda. **As deusas e a mulher**: nova psicologia das mulheres. São Paulo: Paulus, 1990. 417p. (Amor e psique).

BOXER, Charles R. O culto de Maria e a prática da misoginia. In BOXER, **A mulher na expansão ultramarina ibérica (1415-1815)**. Lisboa: Livros Horizonte, 1977. p. 121-141.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei n. 8.069, de 13 de junho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm >. Acesso em: 22 mar. 2010.

CHAUI, Marilena de Souza. **Repressão sexual**: essa nossa (des) conhecida. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. 234p.

DELUMEAU, Jean. Os agentes de satã III: a mulher. In: DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**: 1300-1800. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p.310-349

DUBY, Georges. **Damas do século XII**: Eva e os padres. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 168 p.

FREUD, Sigmund. **Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos**: a dissolução do complexo de Édipo. v. XIX (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria; Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos**. (1901-1905). Rio de Janeiro: Imago, 2006. 329 p (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud; v.7)

GALIZA, Danuza Ferreira de. **Mulher: o feminino através dos tempos**. 2008. Disponível em: < <http://www.webartigos.com/articles/3781/1/Mulher-O-Feminino-Atraves-Dos-Tempos/pagina1.html> >. Acesso em: 12 jan. 2010.

LACAN, Jacques. **O seminário: livro 20: mais, ainda**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1985. 201p.

LEAL, José Carlos. **A maldição da mulher**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1995 p.221.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1993. 205 p.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença: o feminino emergente**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. 150p

PAIVA, Vera. **Evas, Marias, Liliths: as voltas do feminino**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 242 p.

PRADO, Marta Lenise do; REIBNITZ, Kenya Schmidt; GELBCKE, Francine Lima. Aprendendo a cuidar: a sensibilidade como elemento plasmático para formação da profissional crítico-criativa em enfermagem. **Texto & contexto enferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 296-302, abr./jun., 2006. Disponível em: < <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/714/71415214.pdf> >. Acesso em: 22 mar. 2010.

SHAEVITZ, Marjorie Hansen. **A síndrome da supermulher**. Rio de Janeiro: Forense, 1967. 307p.

SILVA, Laura Johanson da; SILVA, Leila Rangel da; CHRISTOFFEL, Marialda Moreira. Tecnologia e humanização na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal: reflexões no contexto do processo saúde-doença. **Rev. Esc. Enferm. USP**. São Paulo. v. 43, n.3, p. 684-689, set. 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n3/a26v43n3.pdf> >. Acesso em: 22 mar. 2010.

TRINDADE, Wânia Ribeiro; FERREIRA, Márcia de Assunção. Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres. **Texto & contexto enferm.**, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 417-426, jul./set. 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n3/a02v17n3.pdf> >. Acesso em: 12 fev. 2010.

WHITAKER, Dulce. **Mulher e homem: o mito da desigualdade**. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1988. 96p.